

A ética em Luc Ferry: um humanismo fundamentado nos valores cristãos

Douglas Willian Ferreira
(UFJF – Juiz de Fora – MG – Brasil)
douglasinvictus@hotmail.com

Resumo: Para Luc Ferry o final do século XX trouxe em seu bojo uma aparente crise do dever e com ela o fim dos fundamentos das normas morais no universo religioso ou mesmo nos ideais revolucionários. Com isso, a reflexão ética ganha novos contornos, o que vemos acontecer, por exemplo, no pensamento de Ferry que caracterizará a ética como o fundamento da vida humana, pois ela se encarrega da questão da salvação, ou seja, do sentido da vida humana. Num humanismo onde as visões tradicionais do mundo e as concepções religiosas da ética caducaram, o homem moderno se vê diante da seguinte indagação: O que me é permitido esperar? Não podemos hesitar em retirar o Deus revelado como fundamento de nossa resposta. É através de uma secularização da ética que poderemos reconhecer os valores transcendentais que fundamentam os princípios morais pensados como algo puramente humano e que mesmo assim possui caráter absoluto e universal. Neste sentido é a liberdade do homem associada à sua capacidade reflexiva que permitem ao indivíduo encontrar dentro de si valores que se apresentam como superiores à vida. Assim, o homem descobre, através de sua consciência, que há valores que transcendem sua subjetividade e parecem valer para os demais. A ética humanista se pauta, portanto, nessa liberdade do homem que se desenraiza dos particularismos e vai de encontro ao outro, ao diferente, àquele que amo, ou que devo amar, por ser semelhante a mim. Nesse sentido é que a ética é salvação porque nos garante, após a morte de Deus, pelo amor e pelo sacrifício em favor do próximo, significar nossas ações e nossa vida. Com isso não podemos deixar de perceber que a tentativa de Luc Ferry de se distanciar dos fundamentos religiosos fracassa e se apresenta a nós como a ética de uma religião humanista.

Palavras-Chave: Humanismo; Ética; Laicismo; Amor.

1 Introdução

No pensamento do filósofo contemporâneo, Luc Ferry, vemos uma nítida distinção entre moral e ética. Enquanto a moral se apresenta como um conjunto de imperativos e proibições tendo como finalidade direcionar nossas ações e responder à pergunta “que devo fazer?”, a ética nos conduz à esfera da reflexão filosófica, levando os indivíduos à pergunta sobre o próprio sentido da existência bem expressa na seguinte formulação kantiana: “o que nos é permitido esperar?”

A significação da vida através da realização de grandes projetos não faz mais sentido. As religiões com suas promessas de eternidade; as revoluções e suas promessas de um mundo igualitário transformaram-se em absurdos. É através da escolha livre e da concretização dos pequenos projetos, que o homem do segundo humanismo¹ consegue significar a própria vida.

¹ Luc Ferry faz a distinção que Ferry entre dois humanismos: o Primeiro Humanismo se relaciona àquele gerado pelas propostas iluministas no qual a razão tem um papel fundamental porque é ela que faz do homem um ser excepcional e em muito, superior aos demais seres. Já o Segundo humanismo, criado por Luc Ferry, surge após o processo de desconstrução da metafísica e da secularização moral, e se caracteriza por valorizar, acima da razão, o amor.

Não havendo uma heteronomia institucionalizada, que nos impõe valores e traça nossos projetos, o homem se vê numa situação angustiante, porque se torna o único responsável pelas escolhas que faz. É por isso que se fala de uma crise do dever, afinal, a busca pelo sentido da vida está intimamente relacionada à consciência individual e não a normas imperativas que nos ditam o que devemos ou não fazer. Nesse sentido, as grandes teorias éticas parecem ter sido legadas ao esquecimento, no entanto, Ferry percebe que ao invés de prevalecer essa aparente crise do dever, a ética, após o processo de desconstrução filosófica², se fundamentará na responsabilidade e consecutivamente, na capacidade do homem de amar ilimitadamente todos aqueles que participam de sua humanidade.

Essa responsabilidade é a base da ética do segundo humanismo desenvolvido por Ferry, que se difere do primeiro, porque valoriza o amor à razão, a abnegação e o sacrifício de si em favor da humanidade. Para melhor compreendermos essa proposta, partimos dos pressupostos da moral kantiana, que embasam o secularismo da moral moderna, segundo Ferry. A partir de então, a liberdade tomará as rédeas do comportamento humano convocando esse homem à responsabilidade e ao amor. Por fim, chegaremos aos pressupostos éticos do segundo humanismo, que associa laicidade e espiritualidade, mostrando que ainda é possível ao homem moderno significar a própria vida através do sacrifício que faz de si. É então, nessa íntima relação entre espiritualidade e laicidade que perceberemos o quanto a ética defendida pelo autor carrega consigo o ranço de toda a proposta da tradição cristã.

2 As importantes considerações de Kant para a constituição da moral laica contemporânea

Para Ferry, o grande responsável pela secularização da moral é Kant porque coube a ele, bem como aos republicanos franceses, “a noção de virtude desinteressada e a de universalidade” (FERRY; COMTE-SPOVILLE, 1999, p. 221). No entanto, tais noções só se tornaram possíveis a partir de uma nova visão do homem que surge com o pensamento de Rousseau. De maneira geral, o homem deixa de ser concebido como uma criatura determinada por uma essência prévia, conferida pelo criador, tornando-se, pela liberdade, o único

² A desconstrução será para Ferry o momento histórico de rupturas acontecidas no século XX ocasionando novas interpretações da moral e da construção do pensamento. Desconstruem-se os valores e as autoridades tradicionais findando com as ilusões difundidas pelos mesmos. Veremos mais adiante que Luc Ferry salienta dois grandes pensadores como os mais importantes desconstrutores de nosso século, a saber, Nietzsche e Heidegger.

responsável por aquilo que é. Assim, segundo Ferry, antes mesmo de Sartre valorizar a precedência da existência sobre a essência, Rousseau já o teria feito. Dessa forma, o homem se diferencia dos demais animais, por sua capacidade de excesso, ou seja, pela sua liberdade. Afinal, são somente os seres livres que podem buscar o aperfeiçoamento pessoal, que será chamado por Rousseau de “perfectibilidade” (FERRY, 2007, p. 130).

Essa capacidade consciente de buscar aperfeiçoar-se sempre mais permitirá ao homem analisar suas ações e julgá-las. Não havendo mais a necessidade de um fundamento ético-teológico, a saber, o decálogo do Antigo Testamento, o homem passa a repensar o espaço político e a interação social fundamentado em sua capacidade reflexiva e interesse pelo bem comum, portanto, “temos, então, uma ética fundada no homem” (FERRY, 2012b, p. 34) que dispensa toda a heteronomia religiosa.

Quando Kant seculariza a moral, “Fica claro, primeiramente, que a exigência da ‘preocupação com o outro’ e até mesmo, se for o caso, do ‘dom de si’ não desapareceu das grandes éticas leigas” (FERRY, 2012b, p. 35). O que nos permite afirmar que não é por ser leiga, secularizada ou, se quisermos, laica, que a moral contemporânea esteja revestida de desumanidade, intolerância, agressividade ou egoísmo, simplesmente porque se despreendeu dos fundamentos religiosos. Mais que isso, essa moral laica debruça-se por fazer calar o egoísmo no homem, lapidando-o. Sobre isso Ferry afirma:

Nossa natureza, volto a insistir, é naturalmente inclinada ao egoísmo, e se quero dar espaço para os outros, se quero limitar minha liberdade às condições de sua integração com a de outrem, então é preciso que eu faça um esforço, é preciso mesmo que eu me violento. E é somente com essa condição que uma nova ordem de coexistência pacífica dos seres humanos é possível (FERRY, 2007, p. 155).

Dessa forma, uma moral que se fundamenta na liberdade torna-se o estímulo da vida social através de seu apelo à responsabilidade e da abstração aos particularismos.

Para Ferry, enquanto a ética religiosa, diferentemente da ética grega, valoriza o ideal de igualdade, apresentando-nos o homem como “filhos de Deus” e reconhecendo, em todos os homens, a capacidade de um crescimento espiritual que contribui com seu aperfeiçoamento humano-cristão a partir dos méritos conquistados em suas ações virtuosas e altruístas, a moral humanista fundamenta essa igualdade entre os homens na liberdade. Nesse sentido Kant afirma:

A liberdade, e a consciência desta como um poder que temos de seguir, com uma resolução preponderante, a lei moral, é a *independência em relação às inclinações*, pelo menos como causas motrizes determinantes (mas não como *causas que nos afetam*) de nosso desejo; e enquanto tenho consciência dessa independência na observância de minhas máximas morais, ela é a única fonte de um contentamento inalterável necessariamente ligado a essa consciência (KANT, 2006, p. 145).

Ou seja, a moral é fruto da consciência humana, que permite ao homem um voltar-se em si mesmo, tornando-se nesse sentido uma consciência refletida, para assim reconhecer-se, em sua liberdade, semelhante a todos os outros homens. Nesse sentido, a ética humanista defendida por Ferry, afirma que “a dignidade de um ser não depende dos talentos recebidos com o nascimento, mas do que ele faz deles, não da natureza e dos dons naturais, mas da liberdade e da vontade da pessoa humana, quaisquer que sejam seus dotes iniciais” (FERRY, 2012a, p.138). Vemos assim que a valorização da igualdade do homem migra do ideal religioso de “imagem e semelhança de Deus” para a valorização do homem livre.

Essa valorização da liberdade só nos foi possível a partir da promulgação da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, que evidenciou, ainda mais, o papel central do homem nessa nova concepção moral:

A declaração dos Direitos do Homem podia ser lida como uma secularização dos valores cristãos. Nela, encontramos expressa a ideia de uma humanidade enfim reconhecida como UMA, assim como a afirmação, sob diferentes formas, da dignidade *pessoal* de cada ser humano. O fato de o vocabulário dos ‘direitos’ e do ‘indivíduo’ sobrepor-se exatamente ao do ‘sagrado’ e da ‘alma’ indica suficientemente a amplitude dos deslocamentos, mas também a realidade de uma continuidade (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 511-512).

Assim, a modernidade não se olvidou de valorizar o homem enquanto indivíduo dotado de uma dignidade porque sua humanidade apresenta-se a nós como sagrada, ou seja, como distintivo do respeito e reverência que devemos ao homem. Não que o homem moderno seja uma divindade ou um ser excepcional, capaz unicamente de belas ações, mas porque o homem é o único ser capaz de humanizar a transcendência a partir da afirmação de valores superiores à vida.

Esse elemento espiritual e racional possibilita ao homem bastar-se a si mesmo no que diz respeito aos embasamentos morais. Kant ilustra bem essa mudança acontecida no campo da ética, pois, mesmo postulando a existência de Deus, não necessita Dele para fundar a

moral. Assim, quanto aos conteúdos, a moral laica permanece íntima da religiosa e a diferença se encontra na nova forma desse conteúdo, no qual a laicidade valoriza o homem, como nos propõe o filósofo crítico, não como um “meio”, mas como “fim” o que garante a ele uma singular dignidade.

A própria formulação do *Imperativo Categórico*, segundo Ferry, retrata a valorização do racional em detrimento de nossos determinismos naturais. Assim,

[...] como já não se trata de imitar a natureza, de tomá-la como modelo, mas quase sempre de combatê-la, e particularmente de lutar contra o egoísmo natural em nós, é claro que a realização do bem, do interesse geral não é óbvia, que ela se choca, ao contrário, com resistências. Daí seu caráter imperativo (FERRY, 2008b, p. 67).

Vemos assim que para Ferry o Imperativo categórico nos conscientiza acerca de nossa responsabilidade com o outro, aprimorando nossa valorização da transcendência. Aqui, o termo não se identifica com uma divindade, mas simplesmente “essa transcendência do outro que eu sinto na experiência do amor” (FERRY, 2013, p. 93). E Luc Ferry utiliza desse termo porque acredita que o amor “me faz ‘sair de mim’” (FERRY, 2013, p. 93), mas, no entanto, é sentido em nossa subjetividade mais radical, sendo, portanto, imanente a nós. Portanto, o sagrado está diante de nós, e não acima da vida, como nos propôs, durante séculos, a tradição metafísica, ou nos termos de Kant, a tradição ontoteológica. Todavia, a grande questão que nos colocamos é a seguinte: O que faz do homem esse ser tão excepcional, capaz de se tornar sagrado, digno de um amor puramente devotado, a ponto de se sacrificar por ele? E Luc Ferry nos responderia, certamente, que aquilo que confere ao homem tal singularidade, é sua liberdade.

Essa liberdade transcende a subjetividade humana porque permite ao homem “estar sempre em projeto, em projeção, em superação de si, não sendo idêntico a si mesmo” (FERRY, 2012c, p. 203). Dessa forma, o homem pode construir sua própria identidade fugindo de todos os determinismos. De criado, a criador, a liberdade faz do homem “uma exceção na natureza ou, melhor dizendo, no sentido próprio, um ser ‘sobrenatural’” (FERRY, 2012c, p. 205).

Mas, a liberdade traz consigo o risco da decadência, ou seja, assim como ela pode ser uma ascese a todos os determinismos, a escolha por ela permitida, quando irrefletida e distante da moralidade, pode culminar nas maiores atrocidades. É nesse momento que a ética

desponta como elemento de salvação, e especificamente, uma ética do amor que impulsiona o homem à ação desinteressada, à preocupação com o outro e mesmo a compaixão.

3 Amor e dever: ame e faça o que quiserdes.

Como vimos, enquanto a moral se apresenta como um conjunto de imperativos que regem o comportamento humano direcionando-o na prática da justiça e do bem, evocando assim a ideia de dever e esse, por sua vez, nos remete a coerção, o amor se relaciona à gratuidade, porque não coercitivo; à liberdade porque é questão de escolha e abertura; e a uma esfera superior à moral porque se liga, antes de tudo, à própria grandeza do espírito humano. Esse raciocínio pode ser presumido de toda a consideração filosófica de Ferry acerca da moral e do amor.

Se em tudo que fazemos, e porque fazemos, nossa motivação é o amor, temos já, na própria atitude tomada, uma extrapolação a toda coerção moral. Nesse sentido, os imperativos se tornam desnecessários diante da espontaneidade da alma, que impelida pelo amor, resgata o outro do sofrimento que lhe toma. Assim, o Imperativo Categórico de Kant³, ganha uma nova formulação: “Não deixa que façam ao outro...”⁴ (FERRY, 2012b, p. 149) ou mesmo, “Ame, ou faça o que deve fazer” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 209), o que evidencia a primazia do amor sobre os fundamentos morais. Neste aspecto, Ferry defende o amor como elemento ético e não moral, ou seja, o amor se relaciona à esfera da reflexão e do espiritual, respondendo-nos à pergunta “o que me é permitido esperar?” e não à pergunta sobre como devemos agir.

Nesse sentido Sponville distingue dois princípios, evidentemente possível de ser aproximado ao pensamento de Ferry, que direcionam a atitude do homem, a saber, “De um lado, *Ame, e faça o que quer* (é a máxima da ética, pelo menos se se trata de uma ética do amor); e de outro lado: *Aja como se você amasse, e faça o que deve fazer* (é a máxima da moral, que se impõe quando o amor está ausente)” (FERRY; COMTE- SPONVILLE, 1999, p. 208-209). Assim, a ética se encarrega das questões que se relacionam ao sentido da vida, permitindo um aprimoramento da própria espiritualidade.

³ "Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal" (KANT, 2006, p. 47)

⁴ Na obra *O homem-Deus ou o sentido da vida*, Ferry explica o sentido dessa formulação que assinala o ‘algo mais’ de universalidade que o humanitário moderno pretende introduzir, ou seja, à capacidade do homem moderno de fazer o bem indistintamente, de forma que cada um se sinta responsável pelo bem do outro.

A partir disso, o outro se torna valorizado por aquilo que ele é; como um fim em si mesmo, e não como um meio que nos permita alcançar a salvação, algo que Ferry critica veementemente nas ações caritativas cristãs. Afinal, “não era o Outro como tal que se colocava como objeto de qualquer autêntico respeito, mas o cristão em potencial” (FERRY, 2012b, p. 151), ou seja, valoriza-se o outro não por sua humanidade, mas sua pertença à determinada pátria ou religião. A autêntica ação desinteressada pautada no amor valoriza acima de tudo a humanidade do homem, portanto, ama a todos indistintamente.

O amor, ao contrário da tristeza típica do dever, resulta na espontaneidade alegre e assim, no fazer o bem gratuitamente. É por isso que o amor é permissivo, porque amando o outro, somos tomados pelo forte desejo de concretização do bem. Afinal, o amor não nos impele a ações más, e por isso ele não necessita dos imperativos morais para resguardar sua limpidez e excelência, porque “o que fazemos por amor sempre se consuma para além do bem e do mal” (NIETZSCHE, [200-], p.91), visto que no amor, para além de toda distinção e dualidade racional, agimos no amar. É na simplicidade do amar, e não no complexo e analítico exame das ações, que vemos despontar a gratuidade e o desinteresse em que o amor se manifesta, visto que quando o amor existe, o dever já não é necessário.

Por isso o amor nos direciona ao transcendente na imanência⁵, ou seja, “é ele, em última instância, que dá sentido a nossas vidas. Não apenas porque indica, no seio do Eu onipotente, um além dele, mas porque esse além se revela um outrem e porque não há sentido fora de uma relação com o outro” (FERRY; SPONVILLE, 1999, p. 228). Assim, o amor nos lança para fora de nós mesmos enquanto que a moral chama-nos, num sentido oposto, para dentro de nós, para uma auto-reflexão e, mesmo, para uma auto-limitação; o amor caracteriza-se pela saída, pelo arriscar-se sem visar recompensas, na moral, por sua vez, retraímos nossas ações visando o reconhecimento de outros e a glória pública. Não que a moral não seja necessária, mas ela só será autêntica quando relacionada à gratuidade do amor. Assim, a liberdade associada ao amor atenta-nos para a responsabilidade com o outro.

⁵ Nesse segundo humanismo, proposto por Ferry, a transcendência perde seu valor de exterioridade e verticalidade, passando a se caracterizar como uma transcendência na imanência. Vemos que esse conceito nasce da fenomenologia de Husserl. Nas palavras do autor: “diferentemente da transcendência teológica, essa transcendência fenomenológica não remete à ideia de um fundamento último, situado fora do mundo, mas antes, retomando o vocabulário de Husserl, a ideia de horizontes ou, se preferirem, ao fato de que toda presença nos é dada sobre o fundo de uma ausência, todo visível sobre o fundo de um invisível” (FERRY, 2008b, p. 87).

Não podemos olvidar que a ética do amor, se assim podemos dizer, defendida por Ferry, é uma secularização da ética cristã desenvolvida na patrística. De modo especial, apontamos a proposição de Agostinho: “Ame, e faça o que quer” (AGOSTINHO, 1989, p. 8). Assim, a valorização do amor como um fundamento da ética não aparece somente com o humanismo moderno. Talvez o que se apresenta como novidadeiro é o fato de que a finalidade dessa ação amorosa não é um encontro pessoal com Deus, ou mesmo a conquista da salvação, mas o respeito pelo outro “como um indivíduo em geral, abstração feita de qualquer pertencimento” (FERRY, 2008b, p. 63), ou seja, porque agimos desinteressadamente, e nossa ação, ajuda-nos a significar nossas vidas. Chama-nos a atenção a profundidade dessa exigência ética secular o fato de que o amor se torna gratuidade, fruto da espontaneidade do homem. Nesse sentido a ética da transcendência⁶ desperta em nós uma força de ação que quer afirmar cada vez mais nossa liberdade e nossa humanidade.

Nessa relação com a transcendência é que compreendemos a ligação entre ética e moral. Afinal, para Ferry a moral está acima das determinações históricas sendo, portanto, transcendente. E esse caráter da moral resulta do fato de que suas verdades não são criadas por nós, mas se nos impõe como um absoluto, não no sentido dogmático, mas como fruto de nossa reflexão, que longe de nos lançar em nossos desejos subjetivos, permite nosso encontro com o outro. Assim, “é *na vida* que aparecem valores *superiores à vida*” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 235).

E no amor vemos a interação da ética transcendente com a moral, encarnada na própria existência do homem. Afinal, quando o amor se torna o fundamento não há o que temer, nem regras a cumprir porque o próprio amor é a regra. E quando se sabe e se vive verdadeiramente esse amor nossas ações se tornam verdadeiras, porque se atua no amor. Nesse sentido, o amor torna-se superior à lei, porque não necessita de seus imperativos para ser. E o sentido mais íntimo da espiritualidade, afirma Ferry, se encontra nessa relação “entre o concreto, o particular de nossas existências e o universal dessas estruturas ideais” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 235). Sobre isso, Comte-Sponville afirma:

Somente quem ama não precisa mais agir como se amasse. É o espírito dos Evangelhos (“Ama e faz o que quiseres”), pelo que Cristo nos liberta da Lei, explica

⁶ Termo utilizado pelo próprio autor ao tratar dessa valorização de uma ética que se fundamenta no amor. Ferry utiliza o termo sem qualquer relação com o pensamento teológico-ético, mas visando a secularização da mesma. (Ver o termo em *A Sabedoria dos Modernos*, página 226).

Spinoza, não a abolindo, como queria estupidamente Nietzsche, mas consumando-a (“Não vim para revogar, vim para cumprir...”), isto é, comenta Spinoza, confirmando-a e inscrevendo-a para sempre “no fundo dos corações”. A moral é esse simulacro de amor, pelo qual o amor, que dela nos liberta, se torna possível. Ela nasce da polidez e tende ao amor; ela nos faz passar de uma a outro. É por isso que, mesmo austera, mesmo desagradável, nós a amamos (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 120).

Esse movimento que o amor nos permite, a saber, de uma saída do dever em direção à gratuidade, resulta da atitude de amar o amor. Como na moral, só se é possível agir moralmente amando os preceitos morais, para assim, fazer deles motivadores de uma ação que visa o bem e o justo, também o amor exige ser amado para que o homem possa se entregar verdadeiramente ao outro. Assim, antes de amar outrem devemos amar o amor porque ele é o possibilitador de toda mudança e de toda a abertura. Se não amo amar então não amo. Porque não sendo o amor um dever ético ele deve ser objeto de amor para que não se transforme em dever moral. Nesse sentido o amor nos permite uma abertura para o absoluto que se apresenta a nós através dos fundamentos éticos ao que concluiremos que “não é o absoluto que é amor; o amor é que, às vezes, nos abre para o absoluto” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 190).

Dessa forma, como defende Ferry, o amor confere sentido à vida humana, permite-nos a intimidade com os absolutos morais⁷, porque é somente a partir dele que somos capazes de todo o resto. Nesse sentido o amor é primeiro, mesmo que sendo amor a si mesmo, e o sendo, sabe de sua capacidade de agir em vista do bem.

4 A dimensão sacrificial e o sentido da vida

Ao mudarmos nossa relação com o transcendente, modificamos acima de tudo “a questão do sentido da vida [...], pois, a partir dali, seria o amor profano – e não mais o amor a Deus – a dar à existência dos indivíduos a sua significação mais manifesta.” (FERRY, 2008a, p. 111), libertando-nos da heteronomia religiosa e afirmando o desejo sempre crescente da significação da própria vida, mesmo quando não parece fazer sentido falar de sentido.

Como vimos, o itinerário da busca pelo sentido da vida, traçado por Luc Ferry, abarcará, necessariamente uma nova dimensão, até então, íntima da religião. Ou seja, o homem moderno, encontrará o sentido da vida quando reconhece que os valores que nos são

⁷ Para Luc Ferry os princípios éticos são absolutos porque não negociáveis, assim como, não são criados pelo homem.

transcendentes e ao mesmo tempo imanentes, nos fazem uma exigência: é preciso sacrificar-se. E nos sacrificamos por aquilo que acreditamos ser sagrado. Portanto, sacrifício e sacralidade possuem uma íntima relação com a ética laica.

Em sua obra *A sabedoria dos modernos*, Ferry afirma que

[...] o sagrado, não aparece de forma alguma como tal por minha vontade: não é por eu querer esse sagrado que ele é sagrado, mas, ao contrário, é por ele se apresentar a mim, *ainda que contra a minha vontade*, como sagrado que eu o quis, *muitas vezes contra o que o interesse ou o desejo me levariam a escolher* (FERRY; COMTE-SPONVILLE 1999, p. 53).

E Ferry exemplifica que, se uma pessoa lhe apontasse uma metralhadora e ameaçasse matá-lo se acaso não torturasse uma criança inocente diante dele, certamente, por ser intolerável, enquanto princípio ético, tal atitude, ou seja, por haver um absoluto inquestionável que não lhe permite a concretização desse ato de tortura, então acontece um sacrifício daquele que nega a matar a criança (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 54). Ou em outros termos: a noção de sacrifício está intimamente ligada à noção de sagrado porque, muitas vezes aceitamos pagar algo com a própria vida “saindo de nós mesmos”, arrancando-nos de nosso ego. É o que muitos pais fazem diariamente, ao escolherem entre realizarem a vontade dos filhos e sacrificarem as próprias vontades e projetos. Não no sentido de uma permissividade desenfreada que acaba por resultar em crianças sem limites, que percebendo a total passividade dos pais, usam de todos os meios para conquistarem coisas mesquinhas. É o sacrifício em vistas de algo maior: mães que escolhem a vida dos bebês às suas; mães e pais que sacrificam noites de sono no leito de um filho doente; mães e pais que empreendem suas economias para o crescimento educacional dos filhos. É sobre esse sacrifício, ligado a coisas mais essenciais, que Luc Ferry discorre.

Mas não podemos prender-nos unicamente a um sacrifício realizado aos nossos mais caros relacionamentos. Inclui-se nessa lógica o sacrifício pelo desconhecido, por aquele que sofre injustiças sociais e que defendemos sua causa; por aqueles que passam por todos os tipos de necessidades e que, mais do que dar uma ajuda material, nos preocupamos, perdemos sono, fazemos campanhas, sacrificamos nosso dia, para ajudá-los. As situações são plurais, e a grandiosidade dessas atitudes sacrificais nos lança a seguinte verdade:

Arriscar a vida, seja qual for o motivo, é e sempre será algo difícil, tão difícil que, na verdade, é difícil ver o que poderia significar, em relação a isso, o qualitativo

‘egoísta’. Os valores sacrificais haviam simplesmente descido do céu das ideias – dos ídolos – para se encarnar no humano (FERRY, 2008a, p. 115).

E encarnando-se no humano, esses valores transcendentais, se tornam superiores à própria existência do homem, apresentando-nos motivações para viver e “o amor, é claro, é o mais visível e mais forte, não só por se encarnar em relações com outras pessoas, mas também por animar todas as demais ordens: do direito à ética, passando pela arte, a cultura e a ciência” (FERRY, 2012b, p. 200). Se não tivermos valores ou pessoas que nos motivam a arriscar nossas vidas, é confessar que somos isentos de amores e com isso, isentos de um sentido para viver.

5 Uma busca de sentido terrena: fim da metafísica

Para Luc Ferry, essa secularização do próprio sentido de viver só nos foi possível porque, com Heidegger e Nietzsche nos desvencilhamos da metafísica tradicional, o que representa para nós uma abertura completa ao próprio homem sem esperarmos respostas dadas pelo Divino. Mais que um rompimento com a ética teológica medieval, enfatiza Ferry, a desconstrução rompe com os resquícios de transcendência contidos no primeiro humanismo, como a Pátria, a Revolução e a República. Assim, tudo o que é exterior à consciência do homem deve ser abandonado. O que resta? O homem e sua relação consigo mesmo. Assim, vemos Nietzsche afirmar que a vida “é plenamente boa sob duas condições: que seja intensa e livre, ou seja, sem ilusões. Intensividade e emancipação são os dois traços essenciais que, doravante, vão pretender definir a vida boa para os mortais” (FERRY, 2013, p.40), no qual o homem se reconhece como o único responsável pela construção de sua individualidade e também pelo rompimento com toda e qualquer forma de fantasia que nos prende nas ilusões da metafísica. Não é possível viver intensamente quando nos sentimos sentenciados por uma transcendência que nos faz esquecer o presente, em vista de uma recompensa futura, de uma vida mais perfeita e legítima do que essa que vivemos. Limitar-se buscando a salvação? Não é o fato. Sacrificar os desejos e potencialidades e castrar-se da felicidade terrena em vista de uma opção maior? É ilusão. Se há salvação ela não pode estar em outro mundo, em outra vida, que não essa porque é a única que temos.

Outro grande pensador que Ferry nos apresenta como responsável pela desconstrução da metafísica é Heidegger. Com sua bem elaborada crítica ao mundo da técnica, o filósofo alemão lança o homem em sua humanidade retirando-o da arrogância de criador, ou seja, faz

com que o homem se reconheça como um ser finito. Não que o homem não possua algo de transcendente, mas a mesma, como vimos, está intimamente ligada à sua própria imanência. As aberrações resultantes do Imperialismo mostram aquilo que, em Heidegger, Ferry vê como sendo essencial ruir: a prepotência do homem que se acha poderoso a ponto de não reconhecer a humanidade de outros homens.

Afinal, é necessário findar com todo tipo de preconceito que encerra o homem numa essência pronta e acabada. O homem da técnica, por assim dizer, é aquele que se coloca como superior àqueles que não possuem o domínio tecnológico e científico. E iludido por esse domínio, nos dirá Ferry, é capaz de fazer as piores atrocidades. É por isso que Heidegger sabiamente é um desconstrutor: porque relembra ao homem, de certa forma, que não é legítimo agir desumanamente. Para o autor, Heidegger nos permite fazer uma autocrítica, rever nossas atitudes e inautenticidades e é através desse chamado à reflexão que o homem moderno se torna capaz de revisar sua postura intelectual e prática e, igualmente, se lançar na mais profunda verdade do ser, a saber, participamos do ser, enquanto *Dasein*, mas não somos idênticos ao ser. Com essa verdade Heidegger nos recorda que somos humanos, desfazendo a prepotência do homem que se acreditava absoluto.

6 Considerações finais

O reconhecimento da pura humanidade que nos constitui, reafirma a preocupação que devemos nutrir uns pelos outros. Para Ferry, um humanismo tão humano só poderá se embasar no sentimento mais verdadeiro e recíproco, que leva o homem a sair de si em favor do outro, a saber, o amor.

Dessa forma, o amor se torna o fundamento e o doador de sentido para todo ser humano, porque o amor possibilita a anulação de qualquer moral e mesmo, qualquer princípio religioso, que nos determina a agir por coação. Trata-se de um amor que se expressa em atitudes autênticas, verdadeiras, desinteressadas, ilimitadas, que ultrapassam o discurso hedonista e leva o homem a agir em favor dos seus. Em *ágape*, o amor por excelência, o homem consegue alcançar a alteridade. Esse amor convoca-nos à responsabilidade porque nos permite a realização do bem pelo bem e não por interesse. É assim que o amor nos conclama à responsabilidade. Pelo amor, a transcendência imanente não nos é imposta como lei nem mesmo nos vem da exterioridade, mas brota da própria interioridade do homem e nos lança

para a exterioridade e para a preocupação com outrem. Há um “fora de mim” que aparece como um sentimento impositivo, mostrando que há algo de invisível em tudo que é visível.

No entanto essa transcendência está também em nós, há algo que, não visível, nos possibilita compreender além da percepção. Essa transcendência não requer uma desvinculação com a imanência, na verdade, ela é a possibilitadora da compreensão que temos da imanência. Esse fora de nós se identifica com a humanidade que permeia nossas relações e que desperta nossa consciência para o respeito a todos os homens. Trata-se de uma ética humanista da responsabilidade alicerçada no amor pelo próximo. Aqui o homem se torna, segundo Ferry, sacralizado a partir de sua humanidade. Quanto mais se humaniza mais se diviniza.

Tal divinização do homem é resultante da concepção de uma ética secular, proposta por Ferry, que leva em consideração a afirmação sempre crescente da preocupação com toda a humanidade no âmbito laico. No entanto, sua formulação filosófica, como vimos, não escapa dos conceitos religiosos. Daí podermos afirmar que, os valores cristãos embasam toda sua formulação ética. No entanto, não se trata de um discurso dogmático institucionalizado, mas da valorização do homem num humanismo secular-cristão, se assim podemos dizer. O próprio discurso do autor acerca da centralidade do amor como fundamentação de toda a ação ética nos remete aos ensinamentos cristãos da valorização de ágape, do sacrifício de si pelo próximo em busca da eternidade. Diferente dessa concepção, Ferry nos mostra que a ação ética ultrapassa as recompensas prometidas pelas religiões visando a consciência do homem e sua total responsabilidade em relação à alteridade. A ética, pautada no amor, nos faz mais humanos e é resultado do reconhecimento de que somos fadados à realidade presente, e não a um mundo que há de vir. Além disso, a ética humanista, por mais secular que seja não pode fechar os olhos aos valores cristãos que continuam a fundamentá-la.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Comentário da primeira epistola de São João*. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1989.

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRY, Luc. *A revolução do amor, por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a.

- _____. *Aprender a viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- _____. *Do amor, uma filosofia para o século XXI*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.
- _____. *Famílias, amo vocês, política e vida privada na época da globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008a.
- _____. *O anticonformista, uma autobiografia intelectual; entrevistas com Alexandra Laignel-Lavastine*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012c.
- _____. *O homem-Deus, ou, O sentido da vida*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012b.
- _____. *Vencer os medos, a filosofia como amor à sabedoria*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- _____; COMTE- SPONVILLE, André. *A sabedoria dos modernos, dez questões para o nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Escala, 2006.

NIETZSCHE, Frederich. *Para além do bem e do mal, ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Curitiba: Hemus, [200-]. Disponível em: <http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/alem-do-bem-e-do-mal.pdf>. Acesso em 23/04/2015.

The ethics in Luc Ferry: a humanism based on Christian values

Abstract: For Luc Ferry the twentieth century's end has brought in its wake an apparent crisis of duty and with it the end of the foundations of moral norms in the religious universe or even in revolutionary ideals. In order to this, the ethical reflection earns new contours, what we see happening, for example, the Ferry's thought responsible for characterize ethics as the foundation of human life, as it is in charge of the issue of salvation, that is, the meaning of human life. A humanism where traditional worldviews and religious conceptions of lapsed ethics, modern man is faced with the following question: What is allowed me to wait? We can't hesitate to pull the God revealed as the foundation of our response. It is through a secularization of ethics that we recognize the transcendent values that underlie the moral principles thought of as purely human and It still has absolute and universal character. In this sense, the man's freedom is associated with its reflective ability that allows the individual to find within itself values that present themselves as superior the life. In this way, man finds out from his awareness that there are values that transcend their subjectivity and appear to be true for others. Humanist ethics is guided, so that man's freedom who uproots the particularism and goes to the other, to the different, to the one that I love, or the one that I should love, because he is just like me. In this sense, ethics can be the salvation because it guarantees us, after the death of God through love and sacrifice on behalf of others, mean our actions and our lives. Therewith we notice that the attempt to Luc Ferry to distance himself from religious foundations fails and presents itself to us as the ethics of a humanist religion.

Keywords: Humanism; Ethics; Secularism; Love.

Data do registro: 31 de agosto de 2015
Data do aceite: 18 de novembro de 2015